

**A MENINICE NO PENSAMENTO  
DE GILBERTO FREYRE**

***THE CHILDHOOD IN THE  
GILBERTO FREYRE THOUGHT***

---

Amurabi Oliveira\*

**Resumo**

Gilberto Freyre (1900-1987) foi um dos grandes pensadores sociais brasileiros do século XX; sua vasta obra se voltou para uma compreensão profunda da realidade do Brasil, tendo subvertido os cânones científicos de seu tempo. Entretanto, alguns aspectos de seu trabalho ainda são pouco explorados, como sua análise acerca do universo infantil. Este artigo procura analisar como a questão da criança surge em sua obra, retomando suas primeiras ideias esboçadas nesse campo, bem como suas reflexões de maior maturidade, expressas principalmente em *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil*.

**Palavras-chave:** Gilberto Freyre. Pensamento Social Brasileiro. Sociologia da Criança. História da Criança.

**Abstract**

Gilberto Freyre (1900-1987) was one of biggest brazilian social thinkers of the twentieth century, his vast work turned to a deep understanding of the reality of Brazil, which overthrew the scientific canons of his time. However, some aspects of his work are still little explored, as in regard to his analysis about the infant universe. This article tries to analyze how the issue of child emerges in his work, picking up his first ideas outlined in this field, as well as their more mature reflections, mainly expressed in *Introduction to the History of Patriarchal Society in Brazil*.

**Keywords:** Gilberto Freyre. Brazilian Social Thought. Sociology of the Child. History of the Child.

**Introdução**

Os estudos que têm tomado as crianças como sujeitos de pesquisa no Brasil têm sido incrementados últimos anos, como aponta o balanço recente sobre a produção acadêmica no âmbito da Antropologia da Criança realizado por Cohn (2013), que indica que esta é uma área plenamente consolidada no Brasil.

---

\* Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)/Departamento de Sociologia e Ciência Política, Brasil. E-mail: amurabi\_cs@hotmail.com

Tomados em seu conjunto, os estudos da criança constituem um campo profundamente heterogêneo e interdisciplinar, no qual confluem diversas abordagens teóricas e metodológicas. Todavia, não se trata de uma área nova, pois, ao menos se considerarmos como referência as Ciências Sociais, a pesquisa sobre as crianças sempre foi uma constante de algum modo, ainda que não chegasse a se tornar um tema de investigação prioritário na sua agenda de pesquisa de forma contínua. Nessa seara, deve-se dar uma especial atenção aos trabalhos de Margaret Mead (1901-1978), que se dedicou de forma sistemática à temática, ao menos desde sua tese de doutorado *Coming of Age in Samoa* ([1928] 1961).

No caso do Brasil, há de se considerar o próprio processo tardio de institucionalização das pesquisas no campo das Ciências Sociais, pois foi a partir dos anos 1930 que surgiram os primeiros cursos de graduação nesta área, e no final dos anos 1960 as primeiras pós-graduações no modelo em que as conhecemos.

Porém, dentro do período que alguns denominam como uma fase pré-científica das Ciências Sociais no Brasil (LIEDKE FILHO, 2005), marcado por uma incipiente divisão disciplinar entre as diversas ciências, especialmente entre a Antropologia, Sociologia e Ciência Política (MEUCCI, 2015), houve a realização de pesquisas que tomaram as Ciências Sociais como referencial teórico e metodológico para pensar a realidade sociocultural do Brasil, sendo emblemáticas aquelas desenvolvidas pelo sociólogo e antropólogo pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987).

O trabalho de Freyre é considerado pioneiro em diversos campos, dentre eles podemos destacar os estudos sobre a infância. Como nos indica Burke (1997, p. 3-4):

Quatro dos artigos que escreveu para o Diário de Pernambuco nos anos 20 tratavam da infância, das crianças e seus livros e brinquedos. A história da criança atraiu seu interesse por si mesma, como uma desculpa para discutir sua própria infância, e como um microcosmo da cultura brasileira. Embora Freyre nunca tivesse realizado seu plano original, não o abandonou completamente. Se voltamos para Casa-grande & senzala, logo fica óbvio que fragmentos substanciais do “projeto secreto” estão embutidos no texto, indo das bonecas, pipas, piões, bolas e outros brinquedos e jogos das crianças brancas, negras e índias até o “sadismo patriarcal”, os estudos e a disciplina dos colégios jesuítas e a breve discussão sobre a educação das meninas. Freyre argumenta, como Philippe Ariès iria fazer no caso da Europa moderna nascente, que no Brasil colonial meninos com dez anos de idade eram “obrigados a se comportarem como gente grande”<sup>1</sup>

Este debate surge ao longo de seus inúmeros trabalhos, o que indica que esta fora uma preocupação constante para o autor, mais que isso, levanto como hipótese que Freyre utiliza a infância, ou para ser mais fiel à sua linguagem, meninice, como perspectiva privilegiada para compreender a sociedade brasileira. Nesse trabalho, buscarei analisar como Freyre aborda a questão da infância, o que será realizado considerando seus artigos escritos para jornais, seu diário publicado com o título

<sup>1</sup> A esse respeito cf. FREYRE, 1933, p. 215 ss, p. 613 ss, p. 632 ss.

de *Tempo Morto e outros Tempos* (2006b), e suas obras mais conhecidas no meio acadêmico, bem como a análise de autores que têm se dedicado a revisitar seu pensamento e biografia.

Para uma melhor compreensão do debate aqui desenvolvido, dividirei o trabalho em três partes: a) na primeira, apresentarei brevemente o autor em termos biográficos e acadêmicos; b) na segunda, indicarei de que modo o debate sobre a infância começa a se esboçar em seus escritos; c) na última me dedicarei a sua análise sobre a meninice propriamente dita, enfocando como essa questão emerge em seus trabalhos mais conhecidos.

### **O menino Gilberto e sua formação intelectual**

É certo que a biografia de um intelectual tem um peso decisivo sobre seus escritos, ainda que devamos compreender que não se trata de encará-la como uma sucessão de acontecimentos lineares, tendo em vista que isso não encontraria substrato na realidade (BOURDIEU, 1996). Entretanto, acredito que no caso de Freyre isso se coloca de forma ainda mais destacada, o que inclui também o modo pelo qual este pensador reinventa sua própria trajetória.

Freyre nasce em 1900, já no crepúsculo dos tempos áureos do mundo que ele se dedicou a compreender, pois a passagem do século XIX para o XX marca o completo deslocamento do eixo político e social do Brasil, do Nordeste canavieiro, largamente assentado no trabalho escravo que fora abolido em 1888, para o Sudeste. Esse não é um detalhe sem relevância, tendo em vista a centralidade que a saudade assume em termos metodológicos em sua obra, já que esta é percebida como um meio de reviver o passado para melhor compreender o presente (VILLAS BOAS, 2006). Isso fica ainda mais evidente na dedicatória para seus avós posta em *Casa-Grande & Senzala* (2005), livro publicado no final de 1933.

Sua família compunha a reminescente aristocracia pernambucana, seu pai, Alfredo Freyre, atuou principalmente como educador, sua mãe, Francisca Teixeira de Mello, fora dona de casa dotada de uma educação esmerada. É bastante conhecida a influência do pai sobre a vida intelectual de Gilberto que “Forçou-o a uma precoce maturidade, que lhe deixaria, para sempre, a nostalgia da vida infantil mais livre e lúdica de menino de engenho. O futuro tópico freyreano do ‘menino triste’ tem aqui sua origem psicológica.” (LARRETA; GIUCCI, 2007, p. 19).

Freyre foi um menino que demorou para aprender a ler e a escrever, descobrindo primeiro o gosto pelo desenho e pela pintura. Sua infância foi, sobretudo, urbana, ao contrário do pai, que passou parte dos primeiros anos de vida no engenho e parte na cidade, porém costumava passar os verões no engenho São Severino dos Ramos, que pertencia ao ramo materno da família. Sua nostalgia desses tempos era tanta que cogitou escrever um livro que se intitularia *Em Busca do Menino Perdido*, numa clara analogia ao trabalho de Proust, *Em Busca do Tempo Perdido*, publicado entre 1913 e 1927.

Um período também marcante nessa primeira fase da sua vida é a experiência no Colégio Americano Batista, no qual além da vida comum de um aluno teve o

encargo de lecionar latim para os alunos menos adiantados, o que em parte fazia por obrigação, já que nem ele nem o irmão pagavam mensalidades em virtude da ligação do pai, que fora diretor da escola, com a instituição. Seus registros apontam para uma aversão aos métodos rígidos e mesmo violentos assumidos por alguns docentes, o que certamente influenciou a posição que passa a defender com relação ao ensino, aspecto que fica ainda mais evidente em uma das poucas experiências docentes que teve, quando lecionou Sociologia na Escola Normal de Pernambuco, no final dos anos de 1920 (OLIVEIRA, 2014).

Em *Tempo Morto e Outros Tempos* (2006b), há alguns registros desse período de sua vida. Ele inicia esse seu “diário íntimo”<sup>2</sup> com as seguintes palavras, datadas de 1915:

Até o ano passado brinquei com bugigangas que em geral não têm graça para meninos de 14 anos. Esse ano é que concordei com minha Mãe em que ela distribuisse esses meus brinquedos amados por mim com um especial e já arcaico amor. Tão especial e arcaico esse amor, que já vinha me tornando malvisto por tias e tios e ridicularizado por primos e vizinhos. (FREYRE, 2006b, p. 27).

Aparece já nesse fragmento algumas questões que serão relevantes para a compreensão da questão da infância no pensamento de Freyre, a mais evidente delas, nesse momento, é que há fronteiras entre o mundo dos meninos e dos homens, ainda que não sejam estanques, podendo ser delimitadas, principalmente, ainda que não exclusivamente, pela ludicidade representada em termos materiais pelos brinquedos.

Voltando para o ponto referente à sua vida escolar, é importante lembrar que sua passagem pelo Colégio Batista também foi relevante, se considerarmos que esta instituição tinha tradição de enviar seus egressos para continuarem os estudos nos Estados Unidos, e assim fez Freyre, seguindo para a universidade de Baylor, em Waco (Texas), onde realizou seus estudos de graduação, e, posteriormente, para a universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, onde fez seu mestrado em História Social, porém realiza cursos diversos em Lei Pública, Sociologia, Antropologia, Inglês e Belas Artes (PALLARES-BURKE, 2005).

A experiência americana tem um impacto decisivo na elaboração do pensamento de Freyre, seja num plano mais imediato, pelo fato de os Estados Unidos terem se tornado uma referência comparativa com relação ao Brasil para o autor, principalmente no que diz respeito às relações raciais, seja pelas influências intelectuais, ainda que algumas destacadas enfaticamente por ele, como a de Franz Boas (1858-1942), possam ter um peso relativo na elaboração de seus escritos (MOTTA; FERNANDES, 2013).

É nesse período que ele entra em contato com a obra de Walter Pater (1839-

---

2 É importante indicar que apesar de ter sido publicado como um diário íntimo no sentido mais estrito do termo, alguns pesquisadores, como Pallares-Burke (2005), indicam que esse foi um trabalho escrito e reescrito ao longo dos anos até sua publicação em 1975, sendo, assim, mais que um diário, uma obra de autoconstrução.

1894), *The Child in the House*, estreitando-o na temporada que passa em Oxford, entre 1922 e 1923, e que teve uma forte influência sobre a forma como ele organizou alguns projetos seus posteriormente.

Ainda que nos seus escritos posteriores Freyre aponte para uma certa convicção sobre suas escolhas, fica evidente, nas cartas que ele trocou com Oliveira Lima (1867-1928), que havia mais dúvidas que certezas na cabeça do jovem escritor, de modo que seu trabalho de mestrado foi o desfecho de uma série de dúvidas que o assolaram sobre que caminho seguir, dúvidas que dizem respeito tanto à escolha sobre o que tomar como objeto quanto à possibilidade de permanecer no estrangeiro ou voltar ao Brasil, caso em que ainda cabia decidir entre ficar em Recife ou partir para outro centro maior como o Rio de Janeiro ou São Paulo.

O certo é que, nesse período, algumas das linhas mestras de seu pensamento começam a se esboçar, especialmente no que diz respeito à concepção de que uma das marcas distintivas da sociedade brasileira é a interpretação de raças e culturas. Também é nesse momento que algumas preocupações de pesquisa começam a emergir, o que tomará forma em escritos posteriores.

### **Primeiras aproximações com o mundo dos meninos**

Apesar de ser uma obra pouco comentada, *Vida Social em Meados do Século XIX* (2008), que fora sua dissertação de mestrado, publicada originalmente na *Hispanic American Historical Review* em 1922, é um trabalho, no meu entender, fundamental para compreendermos o processo de amadurecimento de algumas questões presentes no pensamento de Freyre.

Ainda que o foco não recaia sobre os meninos, nesse trabalho, e poderíamos mesmo afirmar que a realidade destes é apenas tocada muito rapidamente, encontramos nele uma das ideias mais persistentes em sua análise sobre a realidade das crianças no Brasil: o envelhecimento precoce. Para Freyre, a meninice no Brasil era extremamente breve, e nesse seu trabalho ele aponta ainda para o olhar tristonho dos meninos e meninas.

O autor pontua que aos oito ou nove anos a menina de “família patriarcal opulenta” era enviada para o internato, onde permanecia até os treze ou quatorze anos, havendo ainda a possibilidade de ser educada em casa. Ainda segundo ele,

As mulheres amadureciam cedo. Os anos de infância raras vezes estovadas eram curtos. Aos quatorze ou quinze anos, a menina vestia-se já como grave senhora. Os daguerreótipos trazem até nós figuras de meninotas amadurecidas antes de tempo em senhoras: senhoras tristes, tristinhas. (FREYRE, 2008, p. 96).

O fim da infância parece ser decretado com o casamento e com a constituição de uma nova família, quando as bonecas eram trocadas por filhos.

No caso dos meninos, esse precoce fim da infância se dava de forma não menos temporã, pois:

O menino, também, crescia como se fosse desde os oito anos adulto ou homenzinho. Aos dez era uma caricatura de homem. Também neste particular dos daguerreótipos a época trazem até nós figuras às vezes tristonhas de meninos amadurecidos em homens antes de tempo. [...] Muito cedo era o menino de família patriarcal, abastada, rica ou simplesmente remediada, enviado para o colégio, onde ficava sob o regime de internato. Embora sua casa ficasse às vezes nas vizinhanças do colégio, só muito raramente – em geral, uma vez por mês – tinha permissão para visitar a família. Recebia sempre de casa caixas de bolos e de doces. Mas nunca brinquedos. Brinquedos eram para crianças. Ele tinha nove ou dez anos: já era um homenzinho. Ou quase um homem (FREYRE, 2008, p. 98).

Mais uma vez o marcador social para o fim da infância passa ser a presença dos brinquedos, ou melhor, sua progressiva ausência, que se dava de forma concomitante com a transformação do menino numa “caricatura de homem”, ao menos em termos estéticos. Um recurso que Freyre continuou a utilizar exaustivamente em seus trabalhos posteriores aparece aqui nessa análise: os relatos de estrangeiros. Tais relatos chamam atenção para o estranhamento do olhar do outro, o que nos possibilita desnaturalizar o modo como compreendemos nossa própria realidade. Nesse caso, os relatos do Reverendo Fletcher e do médico francês Dr. Rendu indicam um processo de alteridade e de estranhamento ante a crianças que não saltam, não rodam arco de barril e não jogam pedra como os meninos na Europa e na América. Recorre ainda às fotografias do período, indicando que nelas surgem “[...] criaturas de olhos doces, de ar tristonho, de aparência seráfica, de cabelos amaciados pela muita brilhantina.” (FREYRE, 2008, p. 99).

Quando ainda estava nos Estados Unidos, durante seus estudos de pós-graduação, ele chega a confidenciar em seu diário, no ano de 1921, o desejo de estudar o menino brasileiro:

O que desejaria era escrever uma história como suponho ninguém ter escrito com relação à país algum: a história do menino – da sua vida, dos seus brinquedos, dos seus vícios – brasileiro, desde os tempos coloniais até hoje. Já comecei a tomar notas na biblioteca de Oliveira Lima: nos cronistas coloniais, nos viajantes, nas cartas dos jesuítas. Sobre os meninos do engenho, meninos do interior, meninos das cidades. Os órfãos dos colégios jesuítas. Os alunos dos padres. Os meninos mestiços – filhos de franceses com índias – encontrados pelos portugueses. De crias de casas-grandes. De afilhados de senhores de engenho, de vigários, de homens ricos, educados como se fossem filhos por esses senhores. É um grande assunto. E creio que só por meio de uma história desse tipo – história sociológica, psicológica, antropológica e não cronológica – será possível chegar-se a uma ideia sobre a personalidade do brasileiro. É o menino que revela o homem. Mas nunca ninguém aplicou esse critério ao estudo da formação ao do desenvolvimento nacional de um país.

Todo espaço, nas histórias convencionais – e talvez em todas até hoje escritas – é ou tem sido pouco para a glorificação dos adultos: e dentre os adultos, só os homens; dentre os homens, só os importantes como políticos e militares. É um erro. Deixa-se quase inteiramente fora do projetor histórico, isto é, na sombra, a mulher; deixam-se quase na

sombra os intelectuais, os lavradores, os artistas, os homens de ciência, os artesãos, os industriais, os comerciantes; os servos, os escravos; e ignora-se a presença – a simples presença – da criança, do menino, do adolescente (FREYRE, 2006b, p. 102-103).

Esta possibilidade representou um dentre tantos outros temas que atraíram Freyre intelectualmente nesses seus anos de formação. Burke (2002) chama atenção para o fato de Freyre não estar sozinho no seu interesse pela história da infância, havia um conjunto de autores no começo do século XX discutindo essa questão, e Freyre muito possivelmente estava em contato com algumas destas discussões. Ainda segundo Burke (2002, p. 794-795),

Em parte graças a esses estudos interdisciplinares, Freyre conseguiu libertar-se do que poderia ser chamado a tradição amadora, ou antiquaria, de estudos isolados de crianças, suas roupas, brinquedos e livro, estudos que não conseguiam relacionar a história das crianças e seus desenvolvimentos sociais e culturais mais amplos. Ele colocou seus estudos da infância no contexto mais amplo da *histoire intime* de Goncourt. Ainda que não cite o estudo da infância publicado na década de vinte pelo famoso sociólogo W. I. Thomas, ele chega a descrever Thomas como um de seus “mestres”. O projeto da infância ocorreu a Freyre quando vivia nos EUA e estudava sociologia, antropologia, psicologia e história na Universidade de Colúmbia, em um lugar e um momento em que os estudos destas quatro disciplinas tinham mais contato mútuo do que o que seria o caso, ao menos em alguns lugares, em meados do século vinte. Foi nesse ambiente favorável que ele desenvolveu as ideias do que chamou “história sociológica, psicológica, antropológica”.

Mas o interesse de Freyre pelo universo do “menino brasileiro” não se restringiu ao período em que esteve nos Estados Unidos, pois entre 1918 e 1926 ele escreveu alguns artigos no *Diário de Pernambuco* que tocavam essa temática, especialmente após seu regresso dos Estados Unidos, a maior parte publicada na coletânea *Retalhos de Jornais Velhos* (1964). Algumas ideias esboçadas nesses artigos lançam um olhar interessante para a compreensão que Freyre tinha sobre a infância. No artigo “O Menino e o Homem”, publicado em 1924, o autor lança a ideia de se o menino imita o homem, os homens adultos imitam ainda mais o menino, sendo uma caricatura deste. Apesar do pouco espaço que havia no jornal para uma discussão mais aprofundada, encontramos aí uma questão de suma importância: o reconhecimento da agência infantil, negando a leitura de que a criança seja simplesmente um adulto em formação.

E outros artigos, como “O Muleque Brasileiro tem exercido uma Função Social” (1924), “Livros para Meninos” (1924) e “Mundo de Meninos” (1925), surgem algumas preocupações mais práticas com relação ao universo infantil; há em Freyre claramente a ideia de que este ainda é desconhecido pelos adultos, ou seja, por mais que ele valorize suas memórias de infância, reconhece que é um falso dado considerar que conhecemos a realidade da criança por termos sido uma.

Também é persistente nesses escritos a ideia de uma infância ausente, ou que se esvai prematuramente no Brasil, pois segundo Freyre “O menino brasileiro passa pela meninice quase sem ser menino. Faltam-lhe brinquedos. Faltam-lhe livros. Faltam-lhe até onde brincar.” (FREYRE, 1924, p. 22). Tais assertivas ficam ainda mais evidentes quando ele se torna professor da Escola Normal de Pernambuco, no final dos anos 1920, onde tem a oportunidade de conduzir uma pesquisa junto com suas alunas sobre os espaços voltados para o brincar de que dispunham as crianças em Recife, chegando à conclusão de que os espaços privados, principalmente os quintais, estavam diminuindo, sem que houvesse em contrapartida uma ampliação dos espaços públicos próprios para a sociabilidade infantil. O resultado dessa pesquisa subsidiaria a construção dos primeiros *playgrounds* em praças públicas em Recife (MEUCCI, 2015), o que fora facilitado, possivelmente, pelas ligações pessoais que Freyre possuía com o poder local, especialmente na figura de Estácio Coimbra (1872-1937), que na época governava Pernambuco.

Chamo atenção para o fato de que, enquanto era professor de Sociologia na Escola Normal de Pernambuco, Freyre elaborou um programa arrojado para seu tempo, e observando seu programa de disciplina<sup>3</sup>, já no segundo curso oferecido, pode-se observar que além de abordar conceitos e métodos das Ciências Sociais, e da Sociologia em particular, Freyre dedicou boa parte de seu programa a “Sociologias Específicas”<sup>4</sup>, por assim dizer, que ocuparam dez dos dezessete tópicos anunciados. Interessa-me aqui destacar o fato de que o 16º tópico de seu programa era dedicado à “Sociologia da creança – Sociologia escolar” (FREYRE, 1930), o que obviamente se ligava às demandas próprias do campo de atuação das normalistas, mas penso que também aos interesses particulares de Freyre nesse assunto, de tal modo que ele encontrou aí um espaço para a sistematização de seus estudos numa área que já há algum tempo lhe chamava atenção.

Ademais, o primeiro dos tópicos voltado para uma “Sociologia Específica” em seu programa era justamente a família, estando organizado do seguinte modo: “A família – Phases de seu desenvolvimento – Como unidade econômica e cultural – Entre os hebreus, gregos, romanos, na Idade Média, na Renascença, depois da Revolução Industrial, na América e no Brasil.”, o que notadamente dialogava com sua discussão sobre a “Sociologia da creança”. Na interpretação de Meucci (2015, p. 80),

[...] é notável o fato de esta lista de temas de seu Programa de Aulas inicie com a discussão sobre o desenvolvimento histórico da família e conclua com o que ele denominou de Sociologia da Criança. Nesse movimento temático, verificamos um retorno circular ao campo da ‘intimidade’. Freyre revela assim um interesse particular pela esfera privada e pelos primeiros mecanismos de socialização.

3 Disponível nos arquivos da Fundação Gilberto Freyre.

4 Essa é uma denominação recorrente no campo da Sociologia, porém não estou atribuindo ao autor, já que dentro desse programa de ensino não há a utilização de tal nomenclatura.

Mas, apenas um tópico dentro de uma cátedra e artigos espaçados não supriam o desejo deste autor de realizar um projeto maior, como confidencia em carta endereçada a Manuel Bandeira<sup>5</sup>, Freyre almejava escrever sobre a intimidade e a vida da criança no Brasil. Porém, como é bem sabido, esse projeto não vai adiante, e visando compreender o porquê disso, Pallares-Burke (2005) lança a seguinte hipótese:

A história da infância era um tema limitado demais para que a potencialidade do novo paradigma que Freyre criara fosse devidamente aproveitada. A riqueza de antagonismos em equilíbrio da sociedade brasileira não poderia ser, por exemplo, devidamente apreciada e estudada nesse contexto. Um tema mais amplo e abrangente precisava ser encontrado para fazer jus à nova interpretação da história do Brasil que suas ideias agora prometiam. É como se o projeto sobre a história do menino, cuja realização sonhara tanto tempo, estivesse em descompasso, naquele momento, com o desenrolar de sua trajetória (PALLARES-BURKE, 2005, p. 407).

Nesse ponto, a autora ainda aponta para a influência da obra *The Child in the House*, de Walter Pater, sobre Freyre, que instrumentaliza o pensamento do sociólogo e antropólogo brasileiro com a noção de casa, que poderia melhor acomodar essa nova interpretação do Brasil que estava sendo forjada, o que se torna ainda mais evidente com a publicação de *Casa-Grande & Senzala* no final de 1933.

### **A história do menino brasileiro em pedaços**

Compreendo que o projeto original de Freyre não fora totalmente abandonado, pelo contrário, levanto como hipótese que ele foi levado à cabo, porém, não como uma obra única, mas, sim, como algo que deveria percorrer seus trabalhos, com uma atenção especial àqueles que comporiam sua “Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil”: *Casa-Grande & Senzala* ([1933] 2005), *Sobrados e Mucambos* ([1936] 2006a), *Ordem e Progresso* ([1957] 2004), que deveriam ter sido sucedidos por um último livro intitulado *Jazigos e Covas Rasas*, mas que não foi escrito. Também argumento aqui que uma das grandes contribuições de Freyre para o campo dos estudos da criança se deu através da subversão em termos explicativos da relação criança e sociedade, pois o autor não buscou compreender a criança simplesmente como um reflexo da realidade social da qual fazia parte, mas antes compreender a sociedade a partir da criança, ou melhor, do menino.

Essa possibilidade de explicar a sociedade a partir da criança se faz possível, em grande medida, em razão da articulação entre as dimensões micro e macrosociológicas presentes no pensamento de Freyre, já que para o autor a personalidade tem um componente coletivo, de tal modo que o agente individual expressa não só suas características singulares, mas também a cultura, os costumes,

---

5 Carta de Gilberto Freyre a Manuel Bandeira [s.d.]. Arquivo da Fundação Gilberto Freyre.

os valores e a história da sociedade em que viveu (MORAIS; RATTON JR, 2005).

Algumas das premissas básicas que percorrem sua interpretação do Brasil também se imbricam na leitura sobre o mundo dos meninos, pois a interpenetração cultural que teria ocorrido no Brasil seria perceptível, dentre outros âmbitos, na sociabilidade infantil, e mais claramente ainda no que diz respeito aos brinquedos e brincadeiras. Como o autor aponta:

A tradição indígena das bonecas de barro não se comunicou à cultura brasileira; a boneca dominante tornou-se a de pano, de origem talvez africana. Mas o gosto da criança pelos brinquedos de figuras de animais é ainda traço característico da cultura brasileira, embora vá desaparecendo com a standardização dessa indústria pelos padrões americano e alemão: brinquedos mecânicos. Entretanto nas nossas feiras do interior ainda se encontram interessantes brinquedos de figuras de animais: notadamente de macacos, besouros, tartarugas, lagartixas, sapos. E convém não esquecermos o costume indígena de aves domésticas servirem de bonecas às crianças: ainda hoje pegar passarinhos pelo sistema indígena do bodoque ou pelo alçapão com rodela de banana, e criá-los depois, mansos, de não fugirem da mão, é muito do menino brasileiro (FREYRE, 2005, p. 204-205).

É válido ter em consideração que é indicado em seu diário, também no ano de 1921, o desejo de se dedicar à “sociologia do brinquedo” que seria um aspecto da sociologia “da criança ou do menino” (FREYRE, 2006b), sendo assim, ao que me parece, brinquedo e brincadeiras não seriam algo que se distanciaria da análise do menino, ainda que analiticamente pudesse ser algo compreendido de forma separada.

É na análise das brincadeiras que Freyre também se volta para um dos aspectos que ele considera mais centrais na sociedade brasileira: o sadismo. Longe de pensar as crianças como influenciadas pelos adultos numa cultura sádica, o autor parece apontar para a direção oposta, ao perceber essa característica como algo presente na agência da criança, que ele vai denominar de “crueldade infantil”, transparecida em brincadeiras como “lascar-se o pião”, “comer-se o papagaio”, “jogo do beliscão”; em todo o caso, as “condições sociais” não são perdidas de vista, já que o “menino sadista”, tal como havia no Brasil Colônia e Imperial, só era possível em face do regime escravocrata. Descrevendo em maiores detalhes essas práticas, referindo-se mais especificamente à relação entre o menino da casa-grande, filho do senhor de engenho, e o menino nascido na senzala, ele aponta que este servia como um “leva-pancadas” e que

Suas funções foram as de prestadio mané-gostoso, manejado à vontade por nhonhô; apertado, maltratado e judiado como se fosse todo de pó de serra por dentro; de pós de serra e de pano como os judas de sábado de aleluia, e não de carne como os meninos brancos. [...] Nas brincadeiras muitas vezes brutas, dos filhos dos senhores de engenho, os moleques serviam para tudo: eram bois de carro, eram cavalos de montaria, eram bestas de almanjarras, eram burros de leiteiras e de cargas as mais pesadas. Mas principalmente cavalos de carro. Ainda hoje, nas zonas rurais menos invadidas pelo automóvel, onde velhos cabriolés de engenho rodam pelo massapê mole, entre os canaviais, os meninos

brancos brincam de carro de cavalo “com moleques e até molequinhas filhas das amas”, servindo de parelhas. Um barbante serve de rédea; um galho de goiabeira, de chicote.

É de supor a repercussão psíquica sobre os adultos de semelhante tipo de relações infantis – favorável ao desenvolvimento de tendências sadistas e masoquistas. Sobre a criança do sexo feminino, principalmente, se aguçava o sadismo, pela maior fixidez e monotonia nas relações da senhora com a escrava [...] Sem contatos com o mundo que modificassem nelas, como nos rapazes, o senso pervertido de relações humanas; sem outra perspectiva que a da senzala vista da varanda da casa-grande, conservavam muitas vezes as senhoras o mesmo domínio malvado sobre as mucamas que na infância sobre as negrinhas suas companheiras de brinquito (FREYRE, 2005, p. 419-420).

Tendo em vista que o passado nunca está totalmente superado, pois o tempo para Freyre é “tríbio”, marcado pelo entrelaçamento entre passado, presente e futuro, ele não hesita em relacionar essas práticas com a sociedade em curso, ao indicar que “Aquele mórbido deleite em ser mau com os inferiores e com os animais é bem nosso; é de todo menino brasileiro atingido pela influência do sistema escravocrata.” (FREYRE, 2005, p. 454).

Nessa passagem, é possível ainda perceber que a partir da análise privilegiada do mundo infantil pode-se também problematizar em que medida Freyre fôra defensor de uma democracia racial no Brasil. Embora não seja o foco desse texto debater essa questão, não há como me furtar completamente dessa discussão, tendo em vista a centralidade que possui no trabalho do autor. O que se pode notar é que apesar de haver uma compreensão em Freyre de que a miscigenação acaba por amalgamar as relações raciais, isso não teria implicado na ausência de conflito ou em relações harmoniosas, ainda que, ao lançar o olhar comparativo, o autor afirme que aqui ocorrera uma escravidão mais amena, o que não se sustenta ante uma análise mais rigorosa. O relevante, nesse ponto, para nossa discussão, é que ao mesmo tempo em que as crianças brancas e negras podiam passar por um sistema de coeducação, ou mesmo dividir o leite materno da ama, isso não implicava inexistência de relações violentas, o que demonstra a complexidade do dilema racial brasileiro, que poderia ser examinado também a partir da realidade dos meninos.

Todavia, para se compreender o menino não bastava pensar na oposição entre menino da casa-grande e menino da senzala, apesar de haver clareza quanto ao fato de que o antagonismo mais relevante no processo de constituição da sociedade brasileira era aquele existente entre senhor e escravo, que já se desenhara na mais tenra idade. Um dos antagonismos existentes também era o que se dava entre o homem e o menino, embora se deva rememorar que uma das características de nossa sociedade, na perspectiva freyreana, era justamente o equilíbrio de antagonismos.

Esta ideia de equilíbrio de antagonismos é de suma relevância para compreendermos a dimensão da agência infantil na obra de Freyre, pois este equilíbrio também pressupõe um processo de interdependência entre os termos envolvidos, de tal modo que a sociedade brasileira não seria a sociedade dos homens ou dos adultos exclusivamente, mas, sim, dos adultos e das crianças. O mesmo pode se dizer da cultura aqui produzida, de forma que a criança não surge em seu trabalho

como uma reprodutora de cultura, mas como um agente produtor de cultura, o que só é possível tendo em vista este complexo processo de interdependência marcado pelo equilíbrio de antagonismos.

Em *Sobrados e Mucambos* podemos encontrar mais claramente uma discussão sobre esses antagonismos envolvendo o menino e o homem, que se explicita no capítulo intitulado “O pai e o filho”. É relevante destacar que este livro teve sua primeira edição publicada em 1936, já a segunda, de 1951, passou a contar com um novo prefácio, inúmeras novas notas de rodapé, além de quatro novos capítulos: VIII – Raça, Classe e Região; IX – O Oriente e o Ocidente; X – Escravo, Animal e Máquina; XII – Em torno de uma sistemática da miscigenação no Brasil patriarcal e semi-patriarcal. Percebe-se, desse modo, que o antagonismo entre o pai e o filho estava posto desde a concepção original do projeto do livro, o que no meu entender se vincula à análise do autor acerca da história do menino brasileiro, que, como já afirmei, compreendo não como uma obra que não chegou a ser realizada, mas, sim, que se concretizou de forma dissolvida em seus trabalhos. Remota nesse trabalho os argumentos que vem esboçando, ao menos desde sua dissertação de mestrado, em torno da brevidade da meninice no Brasil, indicando que:

É verdade que a meninice, nas sociedades patriarcais, é curta. Quebram-se logo as asas do anjo. E deste modo se atenua o antagonismo entre o menino e o homem, entre o pai e o filho. Nos períodos de decadência do patriarcalismo – tal como o estudado nestas páginas – semelhante antagonismo não desaparece: transforma-se, ou antes, prolonga-se, na rivalidade entre o homem moço e o homem velho.

Tamanho é o prestígio do homem feito, nas sociedades patriarcais, que o menino, com vergonha da meninice, deixa-se amadurecer, morbidamente, antes do tempo. Sente gosto na precocidade que o liberta da grande vergonha de ser menino. Da inferioridade de ser párvulo (FREYRE, 2006a, p. 177).

Não podemos olvidar aqui que no prefácio da segunda edição desse livro, o autor rebate as críticas formuladas por alguns intelectuais do seu tempo, que viram em seus escritos uma generalização do Nordeste para o Brasil, principalmente no que diz respeito ao patriarcado. Todavia, utilizando-se de alguns conceitos de George Simmel (1858-198), Freyre indica que há uma confusão entre forma e conteúdo (ou substância) na análise daqueles que acreditam haver equívoco na utilização da categoria patriarcado para pensar o Brasil, pois a forma se manteria (no que diz respeito à família patriarcal), porém haveria uma variação em termos de conteúdo etnográfico. Assim, sua análise sobre o menino na sociedade patriarcal pode ser tomada como uma análise ampla sobre o menino na sociedade brasileira.

Esta inferioridade indicada era marcada pelos castigos físicos, pela posição que ocupava no sistema patriarcal. Ainda que o menino branco seja retratado como um sádico, que espanca os meninos negros, mesmo que com esse por vezes vivencie um sistema de coeducação (FREYRE, 2011), ele é, segundo o autor, alvo contínuo da violência física.

Era castigado pelo pai, pela mãe, pelo avô, pela avó, pelo padrinho, pela madrinha, pelo tio-padre, pela tia solteirona, pelo padre-mestre, pelo mestre-régio, pelo professor de Gramática. Castigado por uma sociedade de adultos em que o domínio sobre o escravo desenvolvia, junto com as responsabilidades de mando absoluto, o gosto de judiar também com o menino. O regime das casas-grandes continua a imperar, um tanto atenuado, nos sobrados (FREYRE, 2006a, p. 179).

O sadismo, juntamente com um crescente entristecer e empalidecer dos meninos, parece ser o fio condutor de Freyre. Sem embargo, chamo aqui atenção para um ponto que passa quase despercebido em seu trabalho: ao realizar a análise do Brasil Colônia ao Brasil República, o autor aponta para uma progressiva amenização dos castigos físicos, tanto no âmbito familiar como no dos colégios, o que acompanhava as mudanças de valores. É possível compreender, assim, que sua análise sobre a infância no Brasil traz uma perspectiva dinâmica, que encara as mudanças sobre o que é ser criança, nesse caso, a diminuição da violência física. Podemos realizar, nesse ponto, um paralelo entre o que é colocado por Freyre e a análise de Elias (1998) acerca das mudanças nas relações entre pais e filhos, que, segundo o sociólogo alemão, seriam marcadas por uma crescente renúncia da utilização da violência física:

Em parte, esta renúncia é forçada mediante legislação estatal; em parte, autoimposta graças a crescente sensibilidade contra o emprego da violência física no trato entre os homens. Porém justamente, revela a complexidade da mudança civilizatória de nossos dias. Um relaxamento das barreiras de respeito no trato entre pais e filhos, ou seja, uma informalização, juntamente com o fortalecimento da proibição contra o uso da violência física nas relações intrafamiliares. Isto se reflete não somente no trato entre adultos e crianças no seio da família, também é válido para o trato de adultos e crianças em geral, particularmente para os professores e as crianças na escola (ELIAS, 1998, p. 443).

Em Freyre, essas mudanças aparecem acompanhadas por outras igualmente significativas para compreensão da infância, como o incremento das leituras para os meninos, com especial destaque para a obra de Julio Verne (1828-1905), o que é analisado pelo autor tomando como base os depoimentos de brasileiros nascidos entre 1850 e 1900, portanto, referindo-se já ao Brasil republicano (Freyre, 2004). Esta questão deve ser analisada também tendo em vista o processo de ampliação do mercado editorial no século XIX, e a produção de uma literatura para o grande público, incluindo aí mulheres e crianças (LEÃO, 2012).

Em *Ordem e Progresso* são indicados, entre as leituras de infância e juventude daqueles que cederam seus depoimentos, principalmente livros de autores estrangeiros, em detrimento da literatura nacional que, quando é apontada, refere-se a livros que não são pensados especificamente para meninos, é a isso que Freyre se referia em seu artigo de 1924, “Livros para Meninos”.

Certamente Freyre não percebia que os castigos físicos haviam sido eliminados, tampouco que havia uma ampla oferta de literatura infantil, pelo

contrário, como já vimos, ele entendia que faltavam livros para o menino brasileiro, entretanto, podemos perceber que a sociedade brasileira estava em transformação, o que trazia consigo novos valores. Volto a destacar aqui a subversão do olhar freyreano que se volta para a criança com o intuito de compreender a sociedade; as mudanças em seus valores indicam mudanças macrosociológicas que poderiam ser observadas e que ainda estariam em curso.

Nos depoimentos coletados, ganha espaço igualmente a discussão sobre os brinquedos e brincadeiras recorrentes tanto entre aqueles que tiveram sua infância no espaço urbano quanto no interior, nas mais diversas regiões do País. Ao que parece, para Freyre, ser criança se relaciona com a centralidade que o brinquedo e a brincadeira possuem para o menino; a infância se desvanece na medida em que os brinquedos são deixados de lado, e ainda que possam ser guardados como uma recordação nostálgica, já não possuem o lugar que outrora ocuparam. Pode-se ainda relacionar o fim da infância com a descoberta sexual, embora estes não constituam polos estanques, já que ambos são processuais; há mesmo a indicação de práticas sexuais que seriam próprias da iniciação dos meninos, como os orifícios em tronco de bananeira ou em animais, de galinha à vaca (FREYRE, 2004).

Compreendo assim que, na análise de Freyre, a criança representa uma janela privilegiada para entender uma sociedade, desde que se apreenda os movimentos complexos que estão em jogo no mundo infantil, uma vez que este está em constante transformação.

### **Considerações finais**

Obviamente que analisar a vasta produção intelectual de um autor como Freyre seria inviável dentro dos limites desse artigo. Mesmo se considerarmos o recorte aqui praticado, ainda assim há uma amplidão de arestas que ficam a descoberto inevitavelmente. Some-se a isso o fato de que Freyre, por vezes, inicia inúmeros argumentos sem fechá-los ou mesmo retomá-los, pintando com cores mais fortes alguns acontecimentos visando reforçar suas ideias (RIBEIRO, 2002), ou apenas intuindo questões cuja fundamentação não é devidamente demonstrada, o que pode se dar, em grande medida, em virtude da aparência mais artística que científica que por vezes seu trabalho assume, no qual a linha reta nunca é o menor caminho entre dois pontos (MOTTA, 2009).

Dentro de um movimento crescente de revisita ao legado do autor, acredito que ainda não se deu o devido destaque a sua contribuição ao campo da História, Sociologia e Antropologia da Criança, ou, em seus termos, à “história sociológica, psicológica, antropológica”. Este trabalho, portanto, se insere na própria discussão sobre a formação desse campo no Brasil, e mesmo no mundo, pois como indica Burke (2002), foi apenas nas décadas de cinquenta e sessenta do século XX que a infância e sua história se tornaram foco de estudos de monta.

Sua originalidade, em meu entender, não se limitou às suas antecipações em termos cronológicos, mas na adoção de uma perspectiva epistemológica ainda pouco explorada na Sociologia da Infância, que é a análise da sociedade a partir da criança,

e não o inverso.

Reafirmo aqui a minha hipótese de que Freyre não abandonou seu projeto de realizar uma “história do menino brasileiro”, mas que o levou a cabo de forma dissolvida ao longo de seus trabalhos, especialmente em sua mais famosa trilogia, buscando captar as transformações nessa realidade, o que se pode perceber tanto pela atenuação dos castigos físicos quanto pelo incremento da literatura infantil, ainda que insuficiente, e ainda que também haja continuidades, como a brevidade da meninice.

O menino aparece em sua obra como uma agente que não apenas reproduz a cultura na qual está inserido, mas que a produz, o que fica evidente com a ideia de equilíbrio de antagonismos. A sociedade patriarcal é também produzida pelo menino e seu sadismo, pela sua breve meninice, pelas suas brincadeiras e brinquedos que em muito sintetizam a singularidade cultural brasileira, que é defendida pelo autor, pelas suas molecagens, e que, por vezes, se mostram como uma afinada crítica social (FREYRE, 1964).

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Campinas: Papirus, 1996.
- BURKE, Peter. Gilberto Freyre e a nova história. **Tempo social**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 1-12, 1997.
- \_\_\_\_\_. O Pai do Homem: Gilberto Freyre e a história da infância. In: GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rrodríguez; FONSECA, Edson Nery (org.). **Casa-grande & senzala**: edição crítica. Madri; Barcelona; La Havana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX, 2002. p. 786-796.
- COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias. Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. **Civitas**, Revista de Ciências Sociais, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 211-234, 2013.
- ELIAS, Norbert. **La civilización de los padres y otros ensaiyos**. Compilación y presentación de Vera Weiler. Colômbia: Norma, 1998.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Novo mundo nos trópicos**. São Paulo: Global, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Ordem e progresso**: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio-século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da monarquia para a república. São Paulo: Global, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Programa da cátedra sociologia**. Recife: Imprensa Oficial, 1930.
- \_\_\_\_\_. **Retalhos de jornais velhos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- \_\_\_\_\_. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. Global: São Paulo, 2006a.
- \_\_\_\_\_. **Tempo morto e outros tempos**: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade. Global: São Paulo, 2006b.
- \_\_\_\_\_. **Vida social no brasil nos meados do Século XIX**. São Paulo: Global, 2008.
- LEÃO, Andrea Borges. Vamos ao Brasil com Jules Verne? Processos editoriais e civilização nas Voyages Extraordinaires. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 494-517, 2012.
- LARRETA, Enrique Rrodríguez; GIUCCI, Guillermo. **Gilberto Freyre**: uma biografia intelectual. Rio de

Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LIEDKE FILHO, Enno Dagoberto. A Sociologia no Brasil: história, teorias e desafios. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 7, n.14, p. 376-436, 2005.

MEAD, Margaret. **Coming of age in samoa**. New York: William Morrow, [1928] 1961.

MEUCCI, Simone. **Artesania da sociologia no Brasil**: contribuições e interpretações de Gilberto Freyre. Curitiba: Appris, 2015.

MORAIS, Jorge Ventura de; RATTON JR, José Luiz A. Gilberto Freyre e a Articulação dos Níveis Micro e Macro Na Sociologia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 20, n. 58, p. 129-144, 2005.

MOTTA, Roberto. Élide, Gilberto, Imagismo e Língua de Universidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 185-206, 2009.

MOTTA, Roberto; FERNANDES, Marcionila. Gilberto Freyre, um Enigma Genealógico. In: MOTTA, Roberto; FERNANDES, Marcionila (org.). **Gilberto Freyre**: região, tradição, trópico e outras aproximações. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013. p. 11-36.

OLIVEIRA, Amurabi. Educação e Pensamento Social Brasileiro: alguns apontamentos a partir de Florestan Fernandes e Gilberto Freyre. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 45, n. 1, p. 15-44, 2014.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. **Gilberto Freyre** - um vitoriano nos trópicos. São Paulo: Ed. da Unesp, 2005.

RIBEIRO, Darcy. Gilberto Freyre: Casa-Grande & Senzala. In: GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez; FONSECA, Edson Nery (org.). **Casa-Grande & Senzala**: edição crítica. Madri; Barcelona; La Havana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX, 2002. p. 1026-1037.

VILLAS BOAS, Gláucia. **Mudança provocada**: passado e futuro no pensamento sociológico brasileiro. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

Recebido em 30/06/2015

Aceito em 25/11/2015